elyRa
REVISTA DA REDE INTERNACIONAL LYRACOMPOETICS

# TREM CINEMA

**Adalberto Müller**

De quinze em quinze dias, meu pai atendia de dentista, em Maracaju. A viagem era de trem. O trem saía da estação de Ponta Porã fazendo uma curva comprida, que parecia não ia acabar nunca mais. Depois tomava velocidade, e se afastava da cidade, atravessando plantações de feijão. E as matas fechadas. E os campos de guavira. Plantações de milho. E bois pastando entre cupins. Plantações de soja. E seriemas, do Mato-Grosso. *Tuque tuque tuque tuque tuque tuque tuque tuque*. Então vinha uma ponte. *Taca taca taca taca taca taca taca taca taca*. Eu ficava sentado na jardineira do último vagão, comendo minha chipa, olhando as árvores se perderem na distância, e as nuvens, que pouco a pouco iam passando do branco ao rosa, do rosa ao laranja, do laranja ao vermelho, do vermelho ao cinza, do cinza ao negro. Aparecia aqui e ali uma estrela, seria para me contar um segredo? Seria que uma moça pensava em mim? Nas minhas narinas o cheiro forte de mato, e os pirilampos fazendo seu jardim de luzes. E se o trem passava por um corte aberto na rocha negra de uma montanha, o barulho ficava ensurdecedor: *tuque tuque tuque pacatá pacatá pacatá pacatá pacatá tuque tuque tuque tuque tuque tuque...* A trilha sonora dos trilhos, gravada nos tímpanos, agora saindo pela língua. As viagens de trem, também gravadas nas retinas, como um filme, projetando-se por dentro dos olhos hoje fechados. O trem – meu cinema. Eu era um bitolado. E era estreita a bitola dos trens da minha infância. Filme de família mesmo. Um filme de amador, de quem ama coisas de pouca monta. Bitola pequena, 8 milímetros, o projeto para mim mesmo em noites de silêncio. Tudo que restou é esse filme. Ah não haver mais uma estação, onde a gente possa pegar um trem para ir para bem longe daqui! Lá onde os pirilampos. E o campo de guaviras. Lá onde uma estrela brilha e alguém ainda pensará em mim com força de amor.